

Sujeito Idoso na Sociedade Pós-Moderna: Sociabilidades Possíveis

Elderly Citizen in the Post- Modern Society: Possible Sociabilities

Solange Beatriz Billig Garces¹

RESUMO

O envelhecimento é um processo presente na sociedade atual e o idoso surge como uma demanda coletiva contemporânea. Este encontra uma sociedade diferente daquela em que nasceu. Os antigos sistemas sociais baseados em estruturas sociais perdem forças para uma nova organização social, não mais baseada em *status* e papéis sociais dos seus indivíduos, mas em função de subjetividades, de pensamentos e ações que os transformem em atores sociais. Sua subjetividade se manifesta, quando este tem a capacidade de nomear, ou seja, quando apresenta narrativas que o emancipem. Buscou-se fundamentação em Honneth; Touraine; Habermas; Huyssen; Beyme; Aronowitz; Laclau; Mouffe; Bell e Heller. O artigo se alinha a partir da conceituação que os teóricos trazem sobre pós-modernidade e as sociabilidades possíveis; do esclarecimento sobre as mudanças demográficas e as principais subordinações que o processo de envelhecimento engendra e reflete sobre a subjetividade do idoso e suas ações culturais e políticas na pós-modernidade.

Palavras-Chave: Idosos. Pós-Modernidade. Sociabilidades.

ABSTRACT

Aging is a growing process in the nowadays society and the elderly arise as a collective contemporaneous demand. They find a society different from that when they were born. The ancient social system based on social structures loose strength for a new social organization, not anymore based on status and social roles of their individuals, but rather as a function of subjectivity, thoughts and actions that transform them in social actors. Their subjectivity is manifested when they show the capacity to nominate, that is, when they present emancipating narratives. We searched for fundamentals in Honneth, Touraine, Habermas, Huyssen, Beyme, Aronowitz, Laclau, Mouffe, Bell and Heller. The article was delineated assuming the conceptualization pointed out by theoreticians on demographic changes and the main subordinations that the aging process engenders and reflects on the subjectivity of the elderly and on their cultural and political actions in the post-modernity.

Keywords: Elderly. Post-Modernity. Sociabilities.

¹ Especialista em Educação; Mestre em Ciências do Movimento Humano; Doutoranda em Ciências Sociais-UNISINOS. Prof^{ra} da UNICRUZ - Universidade de Cruz Alta. Email: sbgarces@hotmail.com



1 PÓS-MODERNIDADE E SOCIABILIDADES POSSÍVEIS

O termo pós-modernismo remonta ao fim da década de 50, usado por Irving Howe e Harry Levin, lamentando a queda de nível do movimento modernista, utilizado pela primeira vez nos anos 60, por críticos literários (Leslie Fiedler e Ihab Hassan), mas foi somente na década de 70 que se aplicou com mais veemência primeiramente à arquitetura e depois à dança, ao teatro, à pintura, ao cinema e à música, como explicita Huyssen(1992).

O mesmo autor reitera que Kristeva e Lyotard passaram a usar o termo pós-modernismo, na França, e Habermas, na Alemanha, quando se adotou então a expressão na Europa, via Paris e Franckfurt., tornando-se nos anos 80 um dos “mais disputados campos da vida intelectual das sociedades ocidentais”(p.25)(modernismo /pós-modernismo nas artes e modernidade/pós-modernidade na teoria social).

A pós-modernidade traz o fim das metanarrativas a qual dá lugar aos jogos de linguagem, isto é, o fim das visões totalizadoras e universalistas. A pós-modernidade busca a compreensão sob o foco das sensibilidades e das interações em uma dimensão comunitária e grupal. O que não quer dizer uma recusa da modernidade, mas de uma tensão constante e dinâmica entre estes processos.

A sensibilidade pós-moderna do nosso tempo é diferente tanto do modernismo quanto do vanguardismo precisamente porque coloca a questão da tradição e da conservação cultural como tema estético e político fundamental, ainda que nem sempre tenha êxito. Porém, o que acho mais importante no pós-modernismo contemporâneo é que ele opera num campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massas e grande arte, em que os segundos termos já não são automaticamente privilegiados em relação aos primeiros; um campo de tensão que já não pode ser compreendido mediante categorias como progresso versus reação, direita versus esquerda, presente versus passado, modernismo versus realismo, abstração versus representação, vanguarda versus kitsch. Parte da mudança[...] reside no fato de que estas dicotomias, básicas para as análises clássicas do modernismo, tenham caído por terra.(HUYSEN, 1992, p. 74)

Neste sentido, Scherer-Warren e Gadea Castro (2005) explicitam que “essas discussões negligenciaram o caráter particular e específico de uma modernidade em tensão contínua” entre um projeto de racionalização objetivando o disciplinamento, a homegeneização e a uniformidade e outra dimensão sociocultural que privilegia a subjetividade.

O pós-modernismo está longe de tornar o modernismo obsoleto. Pelo contrário, ele joga uma nova luz sobre o modernismo e se apropria de muitas de suas estratégias e técnicas estéticas, inserindo-as e fazendo-as trabalhar em novas constelações. O que se tem tornado obsoleto, contudo, são as codificações do modernismo no discurso crítico que, embora sublimemente, se baseiam numa visão teleológica do progresso e da modernização. Ironicamente, tais codificações normativas e geralmente redutivas têm preparado o terreno para o repúdio do modernismo que leva o nome de pós-moderno (HUYSSSEN, 1992, p. 75)

Gadea Castro, em seu livro *Paisagens da Modernidade* (2007), sugere que se analise, na pós-modernidade, as sociabilidades e não mais as estruturas, isto porque hoje se analisa as interações sociais que ocorrem no mundo da vida e não mais apenas no mundo sistêmico. Inspirado em Mafesoli, Gadea Castro cita que os diferentes espaços de sociabilidade encontram-se nos diferentes espaços de vanguarda artístico-cultural, nos movimentos e lutas sócio-étnica- indígenas, na prisão, na educação, na violência e no amor. Segundo o autor, compreender a violência, não se leva a tematizá-la como exceção a ser erradicada pelas instituições sociais, mas como elemento presente nas interações, na sociabilidade. É a compreensão nas forças do conflito e da comunhão.

De fato, vive-se uma sociabilidade que é presentista e neotribal, pois na pós-modernidade enfatiza-se o presente em detrimento do futuro que é valorizado pela modernidade.

A pós-modernidade é presentista, porque traz a complexidade das relações sociais, onde elementos da modernidade e da pós-modernidade coexistem na cultura, nos modelos referenciais individuais e nas representações sociais havendo uma prioridade pelo presente, onde as condutas individuais e coletivas são imediatas. Também é neotribal, visto que a neocomunidade surge como organização social, com características de heterogeneidade, diferença, reconhecimento social por proximidades e sociabilidades.

Nesta direção Aronowitz (1992) explicita que “a transformação na sensibilidade anunciada por Nietzsche a quase um século, finalmente chegou” (p. 151, 152) e reforça que “A grande maioria dos discursos pós-modernos se direciona para a desconstrução dos mitos do modernismo, ao mesmo tempo em que mantém a modernidade como o melhor contexto para o florescimento de suas atividades diversas e ecléticas.” (p. 151). Assim, o pós-modernismo marca a renúncia “ao pensamento fundador, às regras que governam a arte e aos ‘discursos de base’

liberal e marxista”. Após a segunda guerra as transformações foram então políticas e culturais. (p. 152)

Além disso, outra característica é o pluralismo dos sujeitos e faz com que haja proliferação de espaços políticos radicalmente novos e diferentes, que se pode chamar, na verdade, de Democracia Radical, baseados por adução, expostos através de Laclau e Mouffe (1987).

Es a esta pluralidad de lo social a la que se liga el proyecto de una democracia radical, y su posibilidad emana directamente del carácter descentrado de los agentes sociales; de la pluralidad discursiva que los constituye como sujetos, a la vez que los desplazamientos que tienen lugar en el seno de esa pluralidad.(LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 204).

Assim, diz-se que a nova *práxis* pós-moderna vem como possibilidade para uma nova política, um novo caminho para a chamada Democracia Radical.

Este movimento surge com Habermas, o qual parte do pressuposto de que a modernidade é um projeto inacabado, onde o pós-moderno rejeita a razão universal, substituindo a sociedade (instituições) pela linguagem (narrativas). É o que Habermas chama de Ação Comunicativa (HABERMAS, 1983). Pondera então Aranowitz (1992, p. 159) que Habermas traz “a rejeição a razão universal como fundamento dos assuntos humanos.”

Laclau e Mouffe(1987) citados por Aranowitz(1992) vão ao encontro desta ideia ao exporem que “a política pós-modernista é o esforço para combinar a substituição da sociedade pela linguagem como objeto do conhecimento, com a identificação de novos agentes políticos que possam substituir as classes” (p. 160), sugerindo então a Democracia Radical como uma nova política de interesses.

Por certo, Aranowitz(1992, p. 161), conclui que:

[...] a expressão Democracia Radical não postula como imaginário futuro um imaginário novo, mas o existente: os movimentos sociais constituídos a partir de posições do sujeito subordinadas sempre lutam pela autodeterminação como campo de suas práticas e prescindem de justificativas mediante categorias transcendentais.

Acredita-se, também que o pós-modernismo transita pelo modernismo, onde nada é fora da linguagem, onde as ideias não se encontram apenas na revolução e na política, mas na estética, fazendo surgir novas formas de subjetividade (imagens, corpos, linguagens).

O pós-modernismo explora assim as contradições, contingências, tensões e resistências internas da unilinearidade histórica da modernidade, ou seja, é a sensibilidade pós-moderna colocando em questão a tradição e a conservação cultural como tema estético e político (BEYME, 1994).

Beyme(1994,p. 143) expressa que: “*El pensamiento postmoderno se considera a si mesmo popular em contraposición al elitismo de la modernidade clásica*”. Para este autor a pós-modernidade vai ser um estilo de vida, onde o indivíduo possui uma categoria abstrata, com capacidade de reflexão individual. Traz princípios como: a revolução do conceito de tempo e a consciência de viver uma época de transformações históricas; a irreligiosidade da modernidade; a distância irônica pelo prazer e lúdico; a aceitação da sociedade de consumo pós-industrial e o abandono do conceito de sociedade. O que na verdade este autor contribui ao dizer que para ser moderno, primeiro precisa ser pós-moderno e que as críticas à modernidade já eram pós-modernas.

A ação (*práxis*) pós-moderna é um deslocamento, ou seja, o sujeito pós-moderno desconstrói o já dado para mostrar os interesses do poder, e com isso surgem os chamados novos movimentos sociais (LACLAU; MOUFFE, 1987; ARANOWITZ, 1992).

Para tanto, Gadea Castro (2007) em seu livro Paisagens da Modernidade, contribui com a ideia ao dizer que:

Emerge daí uma nova lógica de ação dos atores coletivos e movimentos sociais não mais voltados para uma política de movimentos, mas para uma política de campanhas. Portanto, a lógica movimentista presente em Chiapas não nos fala de projetos universalizantes (o socialismo!) e nem da emancipação social em sentido amplo, mas remete para a reivindicação da diferença cultural e para uma lógica de ação pragmática. Os objetivos não são mais ambiciosos e projetados para o longo prazo; são mais localizados e reduzidos e, dessa forma, o sentido pragmático da ação coletiva ganha proeminência sobre a lógica redentora da visão moderna dos movimentos sociais.

A mudança “é parte de uma transformação cultural que emerge lentamente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o pós-modernismo é realmente, por enquanto inteiramente adequado.” (HUYSSSEN, 1992, p.20). Estas mudanças no setor cultural geram “uma notável mudança nas formações de sensibilidade, das práticas e de discurso que torna um conjunto pós-

moderno de posições, experiências e propostas distinguível do que arcava um período precedente.” (p.20).

E Huyssen (1992) segue explicitando que “A grande divisão que separava o alto modernismo da cultura de massas, codificada nas várias explicações e análises clássicas do modernismo, já não parece relevante para as sensibilidades artísticas e críticas pós-modernas.” (p.44). Com isso surge uma emergência sociologicamente significativa de várias formas de alteridade na esfera cultural.

Em termos políticos, a erosão do triplo dogma modernismo/modernidade/vanguardismo/ pode ser contextualmente relacionada à emergência da problemática da ‘alteridade’ que tem se afirmado tanto na esfera sociopolítica quanto na cultural.(HUYSSSEN, 1992, p. 77)

De fato, a crítica feminista permaneceu alheia ao debate pós-modernista ao não considerar pertinente as preocupações feministas, embora “a arte, a literatura e a crítica das mulheres são parte importante da cultura pós-modernista das décadas de 70 e 80 e mesmo uma medida da vitalidade e energia dessa cultura” (HUYSSSEN, 1992, p.47).

Ao se referir à emergência da alteridade, Huyssen (1992) cita o movimento feminista, as questões ecológicas e do meio ambiente, a crescente consciência de que se abordem outras culturas, não europeias ou ocidentais. As múltiplas formas de alteridade emergem de diferenças de subjetividade, gênero, sexualidade, raça, classe e porque não dizer, de gerações.

2 MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS E AS SUBORDINAÇÕES DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Tratar do tema envelhecimento não é tarefa fácil, pois inúmeras demandas engendram este assunto, em razão das mudanças demográficas das últimas décadas, tornou-se também uma questão sociológica.

Debert (1996, p. 1) diz que “a invenção da terceira idade é compreendida como fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice”, a qual durante muito tempo foi “considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transformou em uma questão pública.”

A Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso (LIMA-COSTA; CAMARANO, 2008) evidenciam que se considera idoso a pessoa que atingiu 60 anos de idade, entretanto a diversidade de experiências vivenciadas no decorrer da vida faz com que o processo de envelhecimento não seja igual para todos.

O crescimento da população com mais de 60 anos tornou-se um fenômeno mundial, inclusive com idosos ultrapassando os 100 anos. Este crescimento demográfico se deve principalmente à diminuição da natalidade e à redução da mortalidade devido aos avanços tecnológicos da medicina e sem dúvida, é uma das maiores conquistas sociais do século XX.

O total da população idosa, no Brasil era de 4%, em 1940 e passou para 8,6%, em 2000 (LIMA-COSTA; CAMARANO, 2008). Se em 1940 totalizava 1,7 milhões de idosos, no ano de 2000 saltou para 14,5 milhões e projeta-se para 2020 a estimativa de 30,9 milhões de idosos (BELTRÃO; CAMARANO; KANSO, 2004 *in* GARCES, 2009, p. 4).

A etapa do envelhecimento não pode ser vista apenas como uma etapa de perdas, ou seja, como o período em que se é excluído dos processos sociais. Inúmeras possibilidades abrem-se a este curso da vida (grupos de terceira idade, grupos de hipertensos, diabéticos, Universidades Abertas a Terceira Idade, Conselhos de Idosos, Conferências, Fóruns, Associação de aposentados, entre outros...), como evidencia Debert (1997, p. 126):

[...] nesses programas o envelhecimento deixa de ser um processo contínuo de perdas; as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.

Portanto, o excluir-se da vida pública, isolando-se no seu mundo privado, constitui uma opção do idoso que em determinadas situações são impostas e em outras, escolhas pessoais.

Sabe-se que as consequências fisiológicas do envelhecimento constituem-se características típicas desta etapa da vida se refletem como decadência do desenvolvimento biopsicossocial. Para alguns chega com mais agressividade em relação a outros dependendo do tipo de condições sociais, as quais são

determinantes na trajetória do indivíduo ao longo dos diferentes ciclos da vida, mas com mais intensidade após os 60 anos.

Embora, o direito à aposentadoria tenha se universalizado, muitos idosos são os provedores das famílias e os garantidores de condições de sobrevivência aos mais jovens. Observa-se que situações de baixa escolaridade e renda são processos de subordinação que têm como consequências a vulnerabilidade, a pobreza e a miséria e, portanto quando adicionados à etnia, gênero, idade e doenças tornam-se mais influentes.

Na sociedade pós-moderna, diferentes sociabilidades tornam-se possíveis aos idosos e diversos comportamentos são tidos como adequados, fazendo com que a responsabilidade por suas escolhas sejam remetidas a eles próprios. Um exemplo disso é a possibilidade de ser disciplinado e “a suposição de que a boa aparência seja igual ao bem-estar, de que aqueles que conservam seus corpos com dietas, exercício e outros cuidados viverão mais, demanda de cada indivíduo- uma boa quantidade de ‘hedonismo calculado’, encorajando a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência.”(DEBERT, 1996, p. 4). Estas subordinações Debert atribui ao curso da vida pós-moderno:

Expressões como curso da vida pós-moderno, sociedade unitária, e descronologização da vida têm sido utilizadas de modo a dar conta de mudanças, a partir dos anos 70, deram novas configurações aos comportamentos tidos como adequados aos grupos de idade e às relações entre eles, promovendo um embaçamento das fronteiras que caracterizavam estilos de vida considerados próprios aos indivíduos em diferentes faixas etárias.(DEBERT, 1997, p. 120)

Assim, por se viver em uma época que se caracteriza pelo presentismo e pelas neocomunidades, os idosos escolhem viver da forma que considerarem melhor. Muitos, imbuídos pelos apelos, principalmente da mídia vão em busca de saúde corporal e boa aparência, desfrutam de momentos de lazer e, outros, como novos atores sociais inseridos na esfera pública, buscam seus direitos e lutam para construírem e outorgarem esses direitos, participando dos espaços e instâncias conquistados para este fim (espaços políticos de reivindicação), continuar participando nas atividades econômicas e sociais, tornando-se sujeito subjetivo deste processo e das mudanças que ocorrem na sociedade atual (GARCES, 2009).

Percebe-se que o processo de escolhas é algo subjetivo, pessoal e se liga a própria trajetória de vida de cada idoso. Fatores como formação, condições

socioeconômicas, a própria capacidade funcional e condições de saúde do idoso e de seus familiares implicam nestas escolhas. São elas que farão a diferença na construção de sujeitos críticos frente à alienação, dominação e subordinação.

De acordo com Honneth (2003), a vexação, a vergonha e a humilhação promovem a inibição de ação e a tolerância ao rebaixamento e condição de subordinar-se ao sujeito. O autor reforça que a força moral promove o desenvolvimento social e o pertencimento, o qual é pré-condição de valor.

Em relação ao trabalho de Honneth cabe uma crítica, no sentido de que a moralidade da qual fala é normativa e isto a torna universalista. Ainda é um conceito da modernidade, pois a moralidade na pós-modernidade é múltipla. Mas a ideia chave do pensamento de Honneth (2003) centra-se na pós-modernidade em ser o conflito que nutre o coletivo, que permite o estar junto, dando um caráter dinâmico, ou seja, é um nó necessário à criação de laços (Informação pessoal)² e a possibilidade de emancipação e autonomia.

Mister se faz entender a diferenciação entre emancipação e autonomia. A emancipação é uma categoria que remete a uma ação coletiva e está referenciada à sociedade enquanto que a autonomia é autorreferenciada, não depende só da sociedade. A autonomia é a capacidade de se autogovernar, autorreferenciar, dependente de reflexividade, principalmente quando se fala em sujeitos e não em sociedade.

Vê-se então, que a tolerância é a negação do conflito e portanto, do reconhecimento. Assim, só será autônomo e emancipado o sujeito politizado, que supõe projetos e críticas. No contexto da pós-modernidade, há a ideia de muitas formas de se emancipar, de narrativas. Assim o sujeito idoso adquire sua subjetividade quando possui a capacidade de nominar, de narrar suas necessidades e direitos, desvencilhando-se de processos de subordinação.

² Informação pessoal obtida na aula de Teorias Sociais Contemporâneas com o Professor Carlos Alfredo Gadea Castro, no PPG em Ciências Sociais da UNISINOS.

3 SUBJETIVIDADE DO SUJEITO IDOSO E SUAS AÇÕES NA PÓS-MODERNIDADE

Inicialmente se questiona como acontecem os processos de subjetivação dos idosos em relação aos seus direitos sociais e políticos, pois afinal, as análises sociais se situam hoje nos novos atores, nos novos conflitos, nas representações do eu e das coletividades. (TOURAINÉ, 2007).

Desta forma se evidencia que a sociedade demanda a participação de novos atores sociais com capacidade de reivindicar e agenciar recursos, visando sobreviver neste espaço de mudanças e competitividades e negociar o outorgamento de seus direitos através de suas lutas. Este movimento articula, na sociedade, a transição de um paradigma tradicional para outro, reflexivo (GARCÉS, 2009).

Para tanto se indaga o fato de ser todos sujeitos ou não. De acordo com Touraine (2007) descobre-se a marca do sujeito em todos os indivíduos, embora categorias provenientes da sociedade, da política, da economia, do funcionalismo, da mídia desprezam e desfiguram a ideia de sujeito. Na sociedade atual são os meios de comunicação que mais deformam e manipulam a ideia de sujeito, opondo-se ao indivíduo concreto.

O sujeito se forma na vontade de escapar às forças, às regras, aos poderes que nos impedem de sermos nós mesmos, que procuram reduzir-nos ao estado de componente de seu sistema e de seu controle sobre a atividade, as intenções e as interações de todos. Estas lutas contra o que nos rouba o sentido de nossa existência são sempre lutas desiguais contra um poder, contra uma ordem. Não há sujeito senão rebelde, dividido entre raiva e esperança. (TOURAINÉ, 2007, p. 119)

Neste sentido, entende-se que o idoso pode ser um ator social no cenário vigente, de transição entre modernidade e pós-modernidade, ao assumir sua subjetividade e buscar seu reconhecimento.

De acordo com Honneth (2003) existem três dimensões do reconhecimento: o amor, o direito e a estima social. O amor é uma dimensão mais estrita, mais individual e emotiva. Por si só não possui condições de dar origem a lutas sociais, mas junto com outras terá condições de originar o conflito social; o direito relaciona-se à esfera jurídica da moral e a estima social é mais generalizante, leva o indivíduo a se reconhecer, direciona ao coletivo. Porém, para se tornar luta coletiva há a

necessidade de uma ponte semântica³ e, é esta que possibilitará a ação coletiva, e consequentemente o reconhecimento.

Este mesmo autor amplia o conceito que Habermas traz de intersubjetividade, baseada em um consenso comunicativo, dirigindo a intersubjetividade apoiada em luta e conflito, ou seja, defender a ideia de comunicação como conflito.(HONNETH,2003).

Entretanto, esta subjetividade dos atores sociais em busca do reconhecimento dar-se-á em um novo cenário. Se o projeto da modernidade estava baseado na cidadania universalista (liberdade/ igualdade), na pós-modernidade a cidadania baseia-se na diversidade e no pluralismo. Nesta última, a questão do reconhecimento vai contra a ideia do universalismo(que é típico da modernidade). Ela traz a noção da diferença e não da igualdade, a diferença como categoria política, como contraposição à igualdade. Coloca que não há apenas uma, mas múltiplas cidadanias, sustentadas pelo fato de que na pós-modernidade não há um conflito central, mas diversos conflitos sociais. E aí então, surgem os novos movimentos sociais, dentre estes destacam-se os geracionais.

Acredita-se que o movimento social dos idosos vai ao encontro das novas sociabilidades e movidos por uma sensibilidade típica da pós-modernidade. Questões como hedonismo, consumismo e as mudanças de sensibilidade do capitalismo são necessárias referenciar.

De acordo com Bell (1992), o capitalismo atual continua exigindo regras da moral protestante na esfera econômica (produção e trabalho), mas ao mesmo tempo incentiva o direito ao prazer e ao divertimento. O trabalho deixa de ser central, e a contracultura da década de 60 passa a ser o hedonismo (prazer/ viver a vida, democratização da libertinagem). Assim, se vive um mundo de gratificações imediatas e exibicionistas.

Nesta perspectiva, Bell (1992, p. 73) pondera que:

El consumo masivo, que comenzó en el decenio de 1920, fue posible por las revoluciones en la tecnología, principalmente la aplicación de la energía eléctrica a las tareas domésticas (lavadoras, frigoríficos, aspiradores, etcétera), y por tres invenciones sociales: la producción masiva de una línea de montaje, que hizo posible el automóvil barato; el

³ Ponte semântica é interpretada como um elo semântico coletivo “[...]que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual mas também um círculo de muitos outros sujeitos”(HONNETH, 2003, p. 258)

desarrollo del marketing, que racionalizó el arte de identificar diferentes tipos de grupos de compradores y de estimular los apetitos del consumidor; y la difusión de la compra a plazos, la cual, más que cualquier otro mecanismo social, quebró el viejo temo protestante a la deuda. Las revoluciones concomitantes en el transporte y las comunicaciones pusieron las bases para una sociedad nacional y el comienzo de una cultura común. El conjunto, el consumo masivo supuso la aceptación, en la esfera decisiva del estilo de vida, de la idea de cambio social y transformación personal, y dio legitimidad a quienes innovaban y abrían caminos, en la cultura como en la producción.

Por certo, é a pós-modernidade, trazendo como principal característica as mudanças culturais e de sensibilidades, que faz então o capitalismo mudar. Este processo associa classes a gostos. Pode-se consumir “signos” que correspondem às classes sociais. A cultura específica associada a uma classe desloca-se e se desenvolvem gostos plurais, independente de classes (pluralidade do universo cultural).

Se Weber, com sua ética protestante, na modernidade, trouxe a disciplina, a necessidade de trabalhar e poupar para ter no futuro, onde a predestinação calvinista coloca que Deus ajuda quem se sacrifica, a partir da década de 60, esta ética começa a se deslocar para uma ética mais hedonista, onde o importante é viver o presente, o aqui e agora. E a partir de contradições culturais o capitalismo vai se modificando. O consumo passa a ser um método de acessar determinados signos.

Assim, a virada pós-estruturalista dos anos 60 a 70 (movimentos teóricos) faz com que o centro da vida não seja mais o trabalho, mas sim o consumo. O Hedonismo (doutrina filosófica da satisfação dos desejos e do prazer) materialista substitui a ética protestante (conservadorismo econômico). Se antes o trabalho era o centro, a partir das proposições da ética protestante, hoje o lazer hedônico passa a ser o centro. O que prevalece, então é a ideia de consumo e morte da cultura de classe (pluralização dos gostos, estilo de vida).

De fato, as mudanças culturais vão contra a ética protestante, traz mudança na sensibilidade das pessoas no sentido de viver o presente e não mais o futuro, o poupar para ter – ideia pregada pela ética protestante.

Esta mudança é cultural e leva ao consumo, possibilitada por exemplo pelo uso do crédito. Bell (1992) explica a necessidade de haver primeiro pluralidade dos gostos para depois acontecer o consumo, ou seja, consumo é um sintoma que surge posteriormente à pluralidade dos gostos.

Assim, dentre as principais transformações que ocorreram a partir de 1960, cita-se a massificação, a pluralidade de consumo, o hedonismo, a cultura psicodélica, sexo, drogas, retorno a si mesmo, culto ao corpo, religiões orientais e principalmente as mudanças culturais.

Heller(1998) explica estas mudanças culturais na sociedade, como se fossem movimentos que chegam em ondas distintas após a Segunda Guerra Mundial, a partir de três gerações: “a geração existencialista, a geração da alienação e a geração pós-moderna” (p.197), como explicita:

Os movimentos culturais modernos vieram em ondas, e isso ocorreu pelo fato de que cada geração tinha de ‘chegar à maioridade’, no sentido de criar uma nova ‘instituição imaginária’, antes de pegar a tocha da geração anterior. A primeira onda começou sua carreira imediatamente depois da guerra e atingiu o zênite no início da década de cinquenta. A segunda onda foi lançada pelos acontecimentos de meados da década de sessenta e chegou ao pico em 1968, mas continuou a expandir-se até meados dos anos setenta. O terceiro movimento surgiu nos anos oitenta e ainda não chegou ao zênite. O segundo movimento surgiu do primeiro, e o terceiro do segundo, no sentido de continuação e também no de reverter os sinais do anterior. Reagindo uma à outra, cada onda continua a pluralização do universo cultural na modernidade e também a destruição das culturas de classe.[...]cada onda dá um novo estímulo à mudança estrutural nos relacionamentos intergeracionais. A última não é inteiramente independente da primeira, pois a mudança estrutural nos relacionamentos intergeracionais é mais outro padrão do cotidiano que indica o relativismo cultural. (HELLER, 1998, p. 197).

E reafirma a mesma autora (p. 199) com a primeira geração, a existencialista que:

A rebelião da subjetividade teve implicação política, mas não mais explícita do que nos movimentos românticos anteriores. Antes de seu surgimento, porém, houvera a cataclísmica experiência do totalitarismo, que fez da experiência de vida de contingência, tão típica da modernidade, também, uma experiência de liberdade pessoal. Contudo a liberdade da pessoa existente, contingente, não mais bastava em sua condição de a noção de liberdade. A liberdade tinha de ser politizada. A isso devemos acrescentar a culpa da colonização e a experiência da descolonização. Nessa experiência, a politização da liberdade e a relativização da cultura (ocidental e a burguesa) se combinaram. Tudo isso varreu a Europa numa série de práticas culturais. [...] o que importava agora era fazer tudo à nossa maneira, praticar nossa liberdade. Rapazes e moças, embriagados pela atmosfera de possibilidades ilimitadas, começaram a dançar existencialmente, amar existencialmente, falar existencialmente, etc. Em outras palavras, estavam decididos a ser livres.

Já a segunda geração, a da alienação, cujo ápice deu-se em 1968, foi ao mesmo tempo continuação e inversão da primeira onda, porém não teve como experiência de formação a guerra, mas sim a prosperidade econômica do pós-

guerra o qual permitiu o alargamento das possibilidades sociais. Afirma-se, ainda, tratar-se de uma geração pessimista, ao contrário da existencialista com mais otimismo.

Estes movimentos ou ondas fizeram com que a sociedade quebrassem com as regras e estilos de vida vigentes, alcançando uma nova forma de viver, reivindicar direitos e se expressar. A geração alienada (pós 68) têm prazer com a sensibilidade e deixa a lição de que “o pós-modernismo é uma onda dentro da qual todos os tipos de movimentos, artísticos, políticos e culturais, são possíveis.”(HELLER, 1998, p. 201)

Cabe destacar ainda que “é o nível de consumo (a quantidade de dinheiro gasta no consumo) que se torna a fonte de identificação cultural” (HELLER, 1998, p. 203) e “os diferentes padrões de consumo foram embutidos numa variedade de estilos de vida”(p. 204).

Assim a terceira geração, a pós-moderna, é uma geração forte contra a geração alienada. Nesta há a pluralização do mundo da vida. Se a geração alienada ainda se acha na idéia da modernidade, a geração pós-moderna traz como ideia principal o relativismo (pluralização de gostos). Por isso, Heller (1998) dimensiona que as mudanças da sensibilidade se supõe por ondas que se sobrepõem, quebrando outros paradigmas. Para ela, o relativismo cultural triunfou, significando politização o que é importante para entender os movimentos sociais contemporâneos. O movimento pressupõe uma reação contra alguma coisa e as ondas, pressupõem fluidez, como também coloca Baumann (2001, p. 14) ao dizer que “os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social.”

Cabe assim, destacar que depois dos anos 60 e 70 fala-se dos movimentos sociais. Nestes movimentos a centralidade está no sujeito e não no sistema, ou seja, é o ator social defendido por Touraine desenvolvendo sua subjetividade.

Em outras palavras, novas ondas formam novos hábitos, ou seja, os movimentos culturais que ocorrem podem ser comparados a ondas, cujo significado seriam conceitos de vida.

O modelo binário pressupõe outro que contrapõe. Se antes nos movimentos geracionais o jovem se contrapunha ao idoso, hoje é possível conviver com uma

pluralidade de idades: os adolescentes, os adultos e os idosos (com)vivendo juntos gostos e culturas que podem ser iguais ou não.

Acrescenta-se também, que após os anos 60 passa a existir uma pluralidade de conflitos, pluralidade de estilos de vida, contínua luta e contínuos conflitos.

Potencializam-se as escolhas a serem importantes, pois, por exemplo, no consumo são feitas escolhas pelo viés da cultura; a ideia do trabalho é guiada pela ideia do prazer (lazer), ou seja, trabalho como possibilidade de acesso a coisas como férias, carro, casa... O trabalho, então, adquire uma dimensão distinta, não mais com um fim em si mesmo, mas o que permite conseguir outras coisas. Estas colocações são referendadas pelo que traz Heller (1998, p. 203):

A morte das culturas ligadas a classes pode ser explicada em termos de aumento no consumismo. Antes os estilos de vida burguês e proletário centravam-se no desempenho do trabalho. Contudo, no que hoje se chama de 'sociedade pós-industrial', o centro de atividades cruciais da vida tornou-se o tempo do lazer.

Esse movimento é o que Touraine e Heller chamam de politização do relativismo cultural, onde os aspectos culturais adquirem maior autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se então que não existe mais um conflito central, ou seja, não se resolvem os conflitos sociais a partir da luta de classes. Os novos movimentos sociais e as novas sociabilidades não dizem respeito às classes. Se antes, na esfera pública, só existia a luta de classes, hoje a luta e os conflitos são plurais. Sai de cena um conflito central (luta de classes) e entram múltiplos conflitos. Foucault diz que isto é politização do social, onde tudo vai de certa forma invadir o público.

Desta forma, entra em cena, o que Laclau e Mouffe (1987) chamam de Democracia Radical. Por certo, a Democracia Radical entra na lógica do cotidiano. Neste sentido, o ator só surge na medida em que alguém toma consciência do seu caráter de subordinado e adquire o caráter político. Assim se constrói o sujeito, o conflito e a politização. Atualmente, os movimentos acontecem na ação do sujeito, nas sociabilidades das relações microssociais, no cotidiano, no mundo da vida. É aí que aparecem as múltiplas individualidades, pois quanto mais multiplicidade, mais individualização. As instituições passam a ser instâncias administrativas, como

caixas de ressonância que captam o movimento do que está acontecendo na sociedade, portanto, é o mundo da vida se politizando.

O sujeito então, se constrói na pluralidade da subordinação social, onde se define por múltiplas subordinações. Mantém o individualismo e se estrutura a partir das relações de subordinação. Ao levar isso ao plano da ação política encontra sua subjetividade, seja um ator social jovem, adulto ou idoso, pois como diz Heller, a pós-modernidade é uma onda dentro da qual todos os tipos de movimentos são possíveis.

REFERÊNCIAS

ARONOWITZ, Stanley. Pós-modernismo e política. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de(org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 151-175.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELL, Daniel. **Las contradicciones culturales del capitalismo**: movimientos culturais como veículos de mudança nos padrões do cotidiano. Madri: Alianza, 1992.

BEYME, Klaus Von. Teoria política del siglo XX: de la modernidad a la postmodernidad. In:_____. **Pensamiento postmoderno**. Madri: Alianza, 1994.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. **Estudos Feministas**, Florianópolis-SC, n. 5, p. 120-128, 1º sem. 1997. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/12112009-093723debert.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **ANPOCS**, 1996. GT Cultura e Política da ANPOCS. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm>. Acessado em: 13 dez.2009.

GADEA CASTRO, Carlos A. **Paisagens da pós-modernidade**: cultura política e sociabilidade na América Latina. Itajaí-SC: Univali, 2007.

GARCES, Solange B. B. O (des)engajamento social do idoso: necessidade ou (im)posição social?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS, 14, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** UFRJ: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sbs2009.sbsociologia.com.br.>>. Acesso em: 02 jan. 2010.

HABERMAS, Jürgen. Modernidade versus Pós-modernidade. **Arte em Revista**, Wisconsin-USA, n. 7 , v.22, p. 19-83, 1983.

HELLER, Agnes. Existencialismo, alienação, pós-modernismo: movimentos culturais como veículos de mudança nos padrões do cotidiano. In: HELLER, Agnes; FEHER,

Ferenc. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 193-208.

HONNETH, Axel. Desrespeito e resistência: a lógica moral dos conflitos sociais. In: _____. Tradução de Luiz Repa. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003. p. 253-268.

HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 15-80.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia y radicalización de la democracia. In: _____. **Hegemonia y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Madri: Século XXI, 1987. 167-217.

LIMA-COSTA; M.F.; CAMARANO, A.A. Demografia e Epidemiologia do Envelhecimento no Brasil. In: MORAES, E. N. de. **Princípios Básicos de Geriatria e Gerontologia**. Belo Horizonte:COOPMED, 2008.

SCHERER-WARREN, Ilse; GADEA CASTRO, Carlos A. A contribuição de Alain Touraine par o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n. 25, p. 39-45, nov. 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

Artigo: Recebido em: 05/07/2010 Aceito em: 06/09/2010
